



Reprodução

# Dividida, Líbia corre risco de retrocesso político

Para o analista português José Manuel Pureza, intervenção da Otan contra Kadafi foi precipitada e pode reavivar disputas intertribais

Por Cíntia Leone

**E** studioso dos processos de paz e direitos humanos, José Manuel Pureza é professor da Universidade de Coimbra, em Portugal. É também militante de esquerda e ex-deputado. Pureza veio ao país a convite

do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, oferecido em conjunto por **Unesp**, Unicamp e PUC-SP, para ministrar o seminário "As ambiguidades da responsabilidade de proteger: o caso da Líbia".

**Jornal Unesp:** O senhor é um crítico da atuação da Otan [Organização do Tratado do Atlântico Norte] na Líbia. Por quê?

**JOSÉ MANUEL PUREZA:** Porque a Otan interveio na Líbia a pretexto da proteção de civis, mas suas operações tinham como direção a mudança do regime político. Na Tunísia e no Egito, houve transformações democráticas sérias que resultaram de movimentos populares muito fortes. No caso da Líbia, o que havia era uma guerra civil que pôs frente a frente um regime e um conjunto muito diverso. Havia o que há no Afeganistão e no

Iraque – uma diversidade de interesses e de agendas.

**JU:** Mas isso não é normal?

**PUREZA:** É normal, mas até por isso a Otan teria que ter sido muito mais cuidadosa. Se, no Iraque, o pretexto era armamentos de destruição em massa, na Líbia foi a proteção de civis, uma fala que cai muito bem.

**JU:** Sem o apoio da Otan, não seria difícil para os rebeldes derrubar Kadafi?

**PUREZA:** A pressão pela democracia sempre ganha força – a Tunísia e o Egito ensinaram isso. No caso da Líbia, evidentemente, o que estava em jogo era um regime odioso, mas convém não esquecer que as potências ocidentais tiveram grande participação nele. Foram elas que armaram o regime de Kadafi, que, de patife, passou a ser um amigo.

**JU:** E por que os líderes ocidentais tomaram consciência dos desrespeitos aos direitos humanos na Líbia de maneira curiosamente tão súbita?

**PUREZA:** Depois dessa grande "amizade" e convergência de pontos de vista na chamada Guerra ao Terror, ficou claro que o acesso aos recursos petrolíferos da Líbia não era assim tão fácil para grandes empresas de Alemanha, Rússia, EUA, Reino Unido, França e Espanha. Então, deram um jeito de colocar no poder aqueles com quem é confiável negociar. Agora, Portugal, sendo um país pequeno e de posição periférica na União Europeia, tem sempre a ganhar com a defesa do direito internacional. É o que soube fazer muito bem no caso do Timor Leste, mas errou ao apoiar a intervenção na Líbia. Devia ter seguido a posição do Brasil.

**JU:** Essa posição do Brasil de defesa da não-intervenção internacional é vista por parte da opinião pública como omissão. Não é uma posição polêmica?

**PUREZA:** O que se quer é levar a opinião pública a uma situação limite: ou fazemos uma intervenção pela força ou não fazemos nada. Ou seja, uma chantagem. Mas por que a opinião pública não quis salvar o Barein ou a Guiné-Bissau? Como democrata, quero ver um ditador deixar de governar, mas o que me satisfaz é o povo tomar democraticamente o poder.

**JU:** Que cenário o senhor vê após as eleições de junho, na Líbia?

**PUREZA:** Tudo o que conheço da situação econômica, social e de segurança na Líbia me faz lembrar os piores episódios da Bósnia e do Iraque, ou seja, uma competição entre grupos armados que concorrem numa eleição. Nas últimas décadas, a Líbia diminuiu o embate entre as diversas tribos. Primeiro, por conta da urbanização – 80% da população líbia vive em cidades. Isso levou à diminuição do peso da tradição, com casamentos intertribais, por exemplo. Hoje, o risco é regredir desse ponto.

**JU:** Há relação entre a Primavera Árabe e os movimentos populares na Europa?

**PUREZA:** Os jovens do Norte da África e do Oriente Médio são as primeiras vítimas de regimes econômicos em que o crescimento não existe. Na Europa, há algo muito parecido.

Nós temos em Portugal a geração mais qualificada de todas e que enfrenta um nível avassalador de desemprego e de precariedade nos trabalhos disponíveis.

**JU:** Então o senhor não está otimista em relação a Portugal?

**PUREZA:** Nada otimista. Veja, a nossa dívida cresceu desde a intervenção da União Europeia e do FMI [Fundo Monetário Internacional], e o desemprego só aumenta, em meio a essas políticas delirantes de absolutização da austeridade. E falar em democracia é uma anedota. A Grécia é exemplo dessa hipocrisia: a população se exprime por meio de eleições livres; depois, Bruxelas, Berlim e Londres dizem "nem pensar, mudem o resultado ou sairão do Euro". Costuma-se dizer da construção europeia, mas está a haver uma desconstrução europeia.

Daniel Patire



Pureza critica potências